

Original

ART AND RELIGION

If in my first chapter I had been at pains to show that art owed nothing to life the title of my second would invite a charge of inconsistency. The danger would be slight, however; for though art owed nothing to life, life might well owe something to art. The weather is admirably independent of human hopes and fears, yet few of us are so sublimely detached as to be indifferent to the weather. Art does affect the lives of men; it moves to ecstasy, thus giving colour and moment to what might be otherwise a rather grey and trivial affair. Art for some makes life worth living. Also, art is affected by life; for to create art there must be men with hands and a sense of form and colour and three-dimensional space and the power to feel and the passion to create. Therefore art has a great deal to do with life—with emotional life. That it is a means to a state of exaltation is unanimously agreed, and that it comes from the spiritual depths of man's nature is hardly contested. The appreciation of art is certainly a means to ecstasy, and the creation probably the expression of an ecstatic state of mind. Art is, in fact, a necessity to and a product of the spiritual life.

Those who do not part company with me till the last stage of my metaphysical excursion agree that the emotion expressed in a work of art springs from the depths of man's spiritual nature; and those even who will hear nothing of expression agree that the spiritual part is profoundly affected by works of art.

Tradução

ARTE E RELIGIÃO

Como no primeiro capítulo me esforcei por mostrar que a arte nada deve à vida, o título do segundo poderia convidar a acusações de inconsistência. Porém, o perigo disto é mínimo: apesar de a arte nada dever à vida, a vida pode muito bem dever algo à arte. O estado do tempo é bastante independente dos anseios humanos e, contudo, poucos de nós possuem um tal distanciamento a ponto de lhe serem indiferentes. A arte afeta realmente as vidas dos homens; emociona-os até ao êxtase, dando cor e relevância a algo que, de outro modo, poderia ser cinzento e banal. A arte, para alguns, faz a vida valer a pena. E a arte também é afetada pela vida, pois para criar são necessários homens com mãos e com sentido de forma e de cor, com noção do espaço tridimensional, com a capacidade de sentir e a paixão de criar. Assim, a arte tem muito que ver com a vida – com a vida emocional. É unânime que a arte é um meio para um estado de exaltação, e dificilmente se contesta que ela surge das profundezas espirituais da natureza humana. A contemplação da arte é, sem dúvida, um meio para o êxtase, e a sua criação é provavelmente a expressão de um estado mental extático. Na verdade, a arte é uma necessidade e um produto da vida espiritual.

Os que me acompanham até à última etapa da minha excursão metafísica concordam que a emoção expressa numa obra de arte brota das profundezas da natureza espiritual do homem; e mesmo os que não querem ouvir falar de expressão concordam que o nosso espírito é profundamente afetado pelas obras de arte.

Exemplo de tradução

© Rita Canas Mendes | Com Texto

Art, therefore, has to do with the spiritual life, to which it gives and from which, I feel sure, it takes. Indirectly, art has something to do with practical life, too; for those emotional experiences must be very faint and contemptible that leave quite untouched our characters. Through its influence on character and point of view art may affect practical life. But practical life and human sentiment can affect art only in so far as they can affect the conditions in which artists work. Thus they may affect the production of works of art to some extent; to how great an extent I shall consider in another place.

Also a great many works of visual art are concerned with life, or rather with the physical universe of which life is a part, in that the men who created them were thrown into the creative mood by their surroundings. We have observed, as we could hardly fail to do, that, whatever the emotion that artists express may be, it comes to many of them through the contemplation of the familiar objects of life. The object of an artist's emotion seems to be more often than not either some particular scene or object, or a synthesis of his whole visual experience. Art may be concerned with the physical universe, or with any part or parts of it, as a means to emotion—a means to that peculiar spiritual state that we call inspiration. But the value of these parts as means to anything but emotion art ignores—that is to say, it ignores their practical utility. Artists are often concerned with things, but never with the labels on things. These useful labels were invented by practical people for practical purposes.

Portanto, a arte está relacionada com a vida espiritual, à qual dá e da qual, estou certo, recebe. Indiretamente, a arte também está de algum modo relacionada com a vida prática: para que deixassem intacto o nosso carácter, seria necessário que tais experiências emocionais fossem pálidas e desprezíveis. Através da sua influência no carácter e no ponto de vista, a arte pode afetar a vida prática. Mas a vida prática e o sentimento humano só afetam a arte na medida em que podem afetar as condições em que o artista trabalha. Assim, de certo modo, podem afetar a produção de obras de arte; até que ponto é matéria que considerarei noutro lugar.

Também um grande número de obras de arte diz respeito à vida, ou melhor, ao universo físico do qual a vida faz parte; os autores dessas obras viram a sua disposição criativa derivar daquilo que os rodeava. Já reparámos (seria difícil não o fazer) que, qualquer que seja a emoção expressa pelo artista, esta chega a muitos deles através da contemplação de objetos do quotidiano. Na maioria das vezes, o objeto da emoção de um artista é uma situação, uma coisa em particular ou a síntese de toda a sua experiência visual. A arte pode relacionar-se com o universo físico ou com qualquer parte (ou partes) dele como um meio para a emoção – um meio para aquele estado de espírito particular a que chamamos inspiração. Mas o valor dessas partes como meio para algo que não seja a emoção é indiferente à arte – ou seja, a arte ignora a sua utilidade prática. Aos artistas importa-lhes muitas vezes as coisas, mas nunca os rótulos das coisas. Estes rótulos, úteis, foram inventados por pessoas práticas para fins práticos.

Exemplo de tradução

© Rita Canas Mendes | Com Texto

The misfortune is that, having acquired the habit of recognising labels, practical people tend to lose the power of feeling emotion; and, as the only way of getting at the thing in itself is by feeling its emotional significance, they soon begin to lose their sense of reality. Mr. Roger Fry has pointed out that few can hope ever to see a charging bull as an end in itself and yield themselves to the emotional significance of its forms, because no sooner is the label "Charging Bull" recognised than we begin to dispose ourselves for flight rather than contemplation.¹ This is where the habit of recognising labels serves us well. It serves us ill, however, when, although there is no call for action or hurry, it comes between things and our emotional reaction to them. The label is nothing but a symbol that epitomises for busy humanity the significance of things regarded as "means." A practical person goes into a room where there are chairs, tables, sofas, a hearth-rug and a mantel-piece. Of each he takes note intellectually, and if he wants to set himself down or set down a cup, he will know all he needs to know for his purpose. The label tells him just those facts that serve his practical ends; of the thing itself that lurks behind the label nothing is said. Artists, *qua* artists, are not concerned with labels. They are concerned with things only as means to a particular kind of emotion, which is the same as saying that they are only concerned with things perceived as ends in themselves; for it is only when things are *perceived* as ends that they *become* means to this emotion.

O infortúnio é que as pessoas práticas, ao adquirirem o hábito de reconhecer rótulos, tendem a perder a capacidade de sentir emoções; e, como o único modo de chegar à coisa em si é sentindo o seu significado emocional, rapidamente começam a perder a noção da realidade. O Sr. Roger Fry notou que poucos podem aspirar a algum dia ver a investida de um touro como um fim em si mesmo e render-se ao significado emocional das suas formas, pois assim que o rótulo «touro a investir» é reconhecido nos pomos imediatamente em fuga em vez de nos pormos em contemplação.² Neste caso, o hábito de reconhecer rótulos é-nos útil. Contudo, presta-nos um mau serviço quando, apesar de não haver necessidade de agir ou de ter pressa, se intromete entre as coisas e a nossa reação emocional a elas. O rótulo não é senão um símbolo que resume à apressada humanidade o significado das coisas vistas como «meios». Uma pessoa prática entra numa sala onde há cadeiras, mesas, sofás, um tapete e uma cornija de lareira. Ela toma intelectualmente nota de cada um destes objetos e, se quiser sentar-se ou pousar uma chávena, saberá o que tem de fazer para atingir esse fim. Os rótulos informam-na precisamente daqueles factos que se adequam aos seus propósitos práticos; da coisa em si que espreita por detrás do rótulo nada é dito. Aos artistas, como artistas, não lhes interessam os rótulos. Eles interessam-se pelas coisas apenas como meios para um tipo particular de emoção, o que é o mesmo que dizer que só se interessam pelas coisas apreendidas como fins em si, pois só quando as coisas são *apreendidas* como fins é que se *tornam* meios para a sua emoção.

¹ "An Essay in Aesthetics," by Roger Fry: *The New Quarterly*, No. 6, vol. ii.

² «An Essay in Aesthetics», de Roger Fry: *The New Quarterly*, nº 6, vol. II.

Exemplo de tradução

© Rita Canas Mendes | Com Texto

It is only when we cease to regard the objects in a landscape as means to anything that we can feel the landscape artistically. But when we do succeed in regarding the parts of a landscape as ends in themselves—as pure forms, that is to say—the landscape becomes *ipso facto* a means to a peculiar, aesthetic state of mind. Artists are concerned only with this peculiar emotional significance of the physical universe: because they *perceive* things as "ends," things *become* for them "means" to ecstasy.

In Bell, Clive. *Art*. London: Chatto and Windus, 1914.

Só podemos sentir uma paisagem artisticamente quando deixamos de ver os objetos nela como meios para algo. Mas é quando conseguimos ver os elementos de uma paisagem como fins em si – ou seja, como formas puras – que a paisagem se torna, *ipso facto*, um meio para um determinado estado mental estético. Aos artistas, no universo físico, só lhes importa este significado emocional particular: porque *apreendem* as coisas como «fins», as coisas *tornam-se* para eles «meios» para o êxtase.

In BELL, C., *Arte* (1914), trad. port. R. C. Mendes, Lisboa, Edições Texto & Grafia, 2009.